O Brasil no "espelho do México": visões da Revolução Mexicana na imprensa brasileira (1910-1914)

NATALLY VIEIRA DIAS*

Resumo:

Este artigo analisa as abordagens sobre o processo revolucionário mexicano veiculadas por alguns dos principais jornais brasileiros: *O Estado de São Paulo*; *Minas Gerais; Gazeta de Notícias* e *O Imparcial*, do Rio de Janeiro. Comparamos as interpretações e posicionamentos assumidos pelos grandes diários em relação a uma revolução de forte cunho social, que envolvia demandas e reivindicações semelhantes às existentes no Brasil. Apesar de pertencerem a um mesmo lugar social, os jornais abordaram o processo revolucionário mexicano de maneiras muito distintas e seus posicionamentos em relação ao México refletiram as diferentes posturas assumidas pelos produtores dos diários nos debates políticos que marcavam o cenário brasileiro. Analisamos também como os episódios da intervenção estadunidense no México revolucionário e da ação diplomática conjunta de Brasil, Argentina e Chile para a mediação do conflito entre os países do norte incidiram nas discussões desenvolvidas pelos jornais sobre a questão continental.

Palavras-chave: Revolução Mexicana, imprensa brasileira, intelectuais.

Abstract

This article analyses the approachings about the Mexican revolutionary process spread by some of the main Brazilian newspapers: *O Estado de São Paulo*; *Minas Gerais; Gazeta de Notícias* and *O Imparcial*, from Rio de Janeiro. I compare the interpretations and opinions assumed by the newspapers regarding a strong social revolution which implied vindications similar to the demands extant in Brazil. In spite of belonging to the same social place, the newspapers approached the Mexican revolutionary process in many different ways and their opinions about Mexico reflected different positions assumed by the newspapers editors on political debates that marked the Brazilian scenery. I analyze also how the episodes of North American intervention in the revolutionary Mexico and the joined diplomatic action of Brazil, Argentina and Chile for the conflict intervention between the north countries fell upon the discussions developed by the newspapers about the continental issues.

Key words: Mexican Revolution, Brazilian press, intellectuals.

* **NATALLY VIEIRA DIAS** é Mestre em História pela UFMG.

O processo revolucionário iniciado em 1910 no México repercutiu amplamente na imprensa internacional. Vários periódicos estadunidenses e europeus enviaram jornalistas para cobrir os eventos mexicanos e, além disso, a rede mundial da informação, estruturada em torno das agências internacionais de notícias, possibilitou uma rápida divulgação dos acontecimentos em todo o mundo.[1]

Os jornais brasileiros dependiam basicamente das notícias da rede mundial da informação, pois não possuíam enviados diretamente no México. Assim, boa parte das informações que publicaram sobre a Revolução Mexicana se constituiu da simples reprodução dos telegramas recebidos das agências de notícias. Essas pequenas notas informavam sobre a situação no México de forma fragmentária e descontextualiza, privilegiando a agilidade da informação em detrimento da análise. Além disso, estavam marcadas pela tendência homogeneizante das informações da rede mundial, o que, no caso específico da Revolução Mexicana, significou uma visão predominantemente negativa sobre o México e sua revolução.

Durante o período da guerra civil no México houve uma intensa circulação de notas detratoras dos revolucionários mexicanos na imprensa internacional e principalmente os camponeses revolucionários tiveram sua imagem associadas às ideias de violência e barbárie. No caso dos jornais brasileiros, a análise das fontes permitiu identificar os mesmos telegramas reproduzidos em diferentes diários, normalmente informando a agência Havas como fonte, e em geral trazendo notícias que enfatizavam a violência dos eventos no país revolucionário. Diversos jornais publicaram notícias como a seguinte, retirada d'*O Estado de São Paulo*: "os zapatistas torturaram, mutilaram e queimaram os passageiros do trem por eles assaltado em Ixtapa, México." (14/08/1912, p. 2)

Esse tipo de discurso se aproximava bastante da "visão contra-insurgente", produzida dentro do México por setores dominantes e contra-revolucionários. O alvo principal desse discurso foram os zapatistas, que foram descritos como "hordas" de "bandidos" e o próprio Emiliano Zapata como "o Átila do sul" (MARINO, 1998: 236). Nos jornais brasileiros, a contínua reprodução de telegramas sobre os supostos atos de barbárie dos revolucionários mexicanos, e mais precisamente dos zapatistas, foi um traço marcante das abordagens que

[1] As três grandes agências européias naquele período – a francesa, Havas, a inglesa Heuters, e a alemã Wolff – controlavam a captação e distribuição de notícias sob a forma de um sistema de acordos, que submetia partes do mundo ao monopólio de uma determinada agência e estabelecia o intercâmbio de notícias entre elas, tendendo a homogeneizar as informações que circulavam pela rede internacional. Desde o acordo de 1875 a América do Sul estava submetida à distribuição de notícias pela Havas e, em 1902, a estadunidense Associated Press foi incluída no cartel da informação, ficando responsável pela captação de notícias de toda a América do Norte. Dessa forma, as notícias sobre os eventos revolucionários do México chegavam ao Brasil, em geral, através da agência francesa, que por sua vez recebia as informações da estadunidense (BARBIER & LAVENIR, 2007:145ss; REYES MATTA, 1980).

veicularam sobre a Revolução Mexicana, entretanto, seus discursos não se restringiram às pequenas notas recebidas das agências.

Com a intensificação do processo revolucionário no México os grandes diários brasileiros passaram a dedicar análises mais detidas sobre a situação daquele país. O México logo se tornou tema de editoriais e artigos assinados, configurando um importante debate no qual, a partir de diferentes perspectivas, a situação mexicana foi aproximada à realidade brasileira.

Enquanto o processo revolucionário se desenvolvia no México, o Brasil experimentava um período de grande tensão política e social. Uma intensa oposição "civilista" havia se desencadeado com a candidatura do marechal Hermes e continuava mobilizada contra o governo do militar, intensificando-se ainda mais com as intervenções do Exército nos estados que não tinham apoiado o hermismo. À crise política se somavam os conflitos sociais, principalmente no meio rural, sendo que, muitas vezes, as próprias intervenções militares do governo federal agravavam os conflitos locais, como aconteceu no caso de Juazeiro, envolvendo os fiéis liderados pelo padre Cícero. (VISCARDI, 2001: 205ss; HERMANN, 2003; SOUZA, 1984). Em meio a esses conflitos, a Revolução Mexicana foi lida, analisada e tomada como argumento para embasar diferentes posicionamentos no âmbito nacional.

Para os grupos contrários ao hermismo e que buscavam reformas políticas, como era o caso dos editores d'OESP, a revolução do México foi identificada à luta pelas liberdades políticas, principalmente a liberdade eleitoral, ferida tanto pela ditadura porfirista no México quanto pela "política dos governadores" no Brasil. O cerne do argumento levantado e reiterado inúmeras vezes no jornal paulista, através dos artigos de seus editores e colaboradores, foi a noção de que uma política autoritária levaria fatalmente à anarquia. No caso do México, a violência do movimento revolucionário foi explicada como uma decorrência do próprio sistema autoritário, que impedia o exercício efetivo da liberdade política. "A ditadura encaminha-se fatalmente para a anarquia", afirmava Oliveira Lima, um dos principais comentadores da situação mexicana no jornal. (27/05/1911, p. 3)

A partir de uma perspectiva tipicamente liberal, nas páginas d'OESP a revolução do México foi apresentada aos leitores como um movimento regenerador da liberdade política, portanto justificável. A situação mexicana foi analisada unicamente pelo prisma político, o que levou os editores e colaboradores do jornal paulista a reconhecerem como "revolução" apenas o movimento liderado por Madero.

Já para os setores mais conservadores e comprometidos com a ordem oligárquica brasileira, a revolução do México apareceu como a mais patente demonstração da dimensão que poderiam ganhar os levantes camponeses similares aos que ocorriam no Brasil. Tanto o *Minas Gerais*, diário oficial do governo estadual, quanto o jornal carioca *Gazeta de Notícias* lançaram mão de uma estratégia discursiva que constituiu em projetar sobre os camponeses dos "sertões" do Brasil as mesmas imagens barbarizantes dos zapatistas que chegavam pelo telégrafo.

Assim, pelas páginas do jornal mineiro os leitores tiveram notícia de que, enquanto no México "num ataque de zapatistas contra um comboio, os

atacantes praticaram as mais revoltantes barbaridades contra os passageiros que lhes caíram nas mãos, dos quais muitos foram torturados e queimados, num saque desenfreado", no Brasil,

> continuam chegando a esta capital [Belo Horizonte] notícias dos horrores praticados pelos cangaceiros [da Paraíba], saqueando as casas de famílias e cometendo toda espécie de depredações (02/06 e 14/08/1912, p. 8).

Essas notas foram se repetindo ao longo do tempo e, principalmente no *Minas Gerais*, as notícias sobre os supostos atos de vandalismo dos camponeses revolucionários mexicanos se tornaram mais recorrentes exatamente nos momentos de exacerbação dos conflitos rurais no Brasil. Ainda no diário oficial mineiro, encontramos uma particular imagem de Zapata e de seu exército associados à imagens de doença, como na seguinte nota:

> Entre os exércitos que se dilaceram no México, um existe, certamente, o mais estranho que se conhece encerrando o poder supremo do terror. Trata-se de um exército composto exclusivamente de soldados leprosos. É o exército do famoso general Zapata [...] Sabe-se que a lepra no sul do México é uma moléstia comum, encontram-se lá leprosos com rostos horrivelmente mascarados de branco ou de vermelho ou de negro. Desses homens, reunidos, resolveu fazer uma força o general revolucionário, que mantém em permanente terror e sobressalto o governo da convulsionada república. (15/07/1913, p. 3)

Também no jornal carioca, *Gazeta de Notícias,* encontramos a imagem dos revolucionários mexicanos associada à noção de enfermidade, em pequenas notas que traziam em destaque por exemplo, "o tifo e a varíola entre os revolucionários" (03/05/1912, p. 4)

Lembremos que as teorias biologicistas, em voga no período, muitas vezes eram conjugadas às teses positivistas, que se constituíam numa espécie de linguagem de época, levando à interpretação da realidade social como um organismo que precisava funcionar harmonicamente. No âmbito do posicionamento bastante conservador manifestado por ambos os jornais, os conflitos foram identificados como "moléstias sociais" que precisavam ser extirpadas, o que justificava a eliminação das "sedições" por métodos autoritários e violentos. Assim, a repressão militar por parte do Estado foi a "solução" defendida tanto pelo *Minas Gerais* quanto pela *Gazeta* contra os movimentos camponeses que ameaçavam a "ordem nacional" brasileira. E as notícias que chegavam do México, ao informar sobre a enorme mobilização camponesa naquele país, serviram para reforçar esse posicionamento.

Uma visão bastante distinta da Revolução Mexicana foi desenvolvida por intelectuais mais inclinados às reformas sociais, como era o caso de José Veríssimo. Em seus artigos como colaborador do jornal *O Imparcial*, do Rio de Janeiro, Veríssimo enfatizou o aspecto da luta social mexicana. Nesse sentido, destacou que "Porfírio Díaz foi expulso pela multidão" e que "a revolução não se fez para substituir Díaz por Madero", mas tratou-se de "um espontâneo levante popular" com um "ideal de reforma mais social que política." (13/09/1913, p. 2)

Na perspectiva de Veríssimo, que foi amplamente difundida pelo jornal *O Imparcial*, a Revolução Mexicana não se enquadrava no marco liberal da luta contra a tirania política, mas tinha razões sociais flagrantes, baseadas

fundamentalmente na concentração agrária. A leitura do intelectual brasileiro sobre a situação mexicana se baseou nas análises desenvolvidas pelo estadunidense John Kennet Turner, cujo artigo publicado no jornal *Metropolitan*, de Nova York, foi bastante citado pelo brasileiro.

Turner havia realizado um amplo trabalho foto-jornalístico no México, antes da Revolução, denunciando a situação de exploração a que eram submetidas as populações indígenas na região do Yucatán. O trabalho de Turner originou o livro, *México bárbaro*, que cumpriu um importante papel de propaganda contra o porfiriato e, já durante o período revolucionário, Turner escreveu diversos artigos para a imprensa de seu país, dando a conhecer a situação do México.

Veríssimo se embasou nas argumentações do estadunidense porque o considerou como "uma autoridade em questões mexicanas, por ter estudado o país de primeira mão, sendo, como nenhum escritor, qualificado para explicar as condições do México". Estas foram descritas pelo estadunidense, e citadas por Veríssimo, como "feudalismo mexicano", explicado como um sistema que tinha origem na concentração agrária que e se traduzia no controle da política pelos latifundiários e na submissão da grande maioria da população. O autor brasileiro agregou: "nós conhecemos alguma coisa análoga aqui" (*Idem*).

Veríssimo identificou no México os mesmos problemas sociais e políticos do Brasil e de toda a América Latina e destacou a situação do país revolucionário como "um espetáculo exemplar", pois, em sua concepção, mostrava que somente a efetivação de uma reforma social – o que considerava urgente para todos os países latino-americanos – poderia garantir a estabilidade e o desenvolvimento dos países e evitar o caos revolucionário. Dessa forma, sugeriu às elites brasileiras: "mirem-se no espelho do México [...] e verão a que os males de que também padecemos levaram aquele desditoso país" (01/02/1914, p. 2).

Também os editores d'OESP compararam a situação do México à do Brasil e procuraram encontrar uma "lição" nos acontecimentos mexicanos. Em um editorial sintomaticamente publicado na seção *Ecos Americanos,* encontramos a seguinte reflexão:

> **A grande lição atual do México – [...] um novo fracasso da doutrina dos "salvadores"**
>
> "El continente enfermo" está dando mostras de que ainda o será por muito tempo. No México [...] uma situação que de tal modo se implanta, não dá esperanças de que a ordem se estabeleça. [...] Assim, servisse esta eloqüente lição de atualidade aos que, no Brasil, por fingida cegueira de politiqueiros "arrivistas", por calculada amnésia de despeitados ou por inofensivo "esnobismo" literário confiam ainda nos caricatos "salvadores" [...] Aqueles, tem-no provado, só conseguem nivelar-nos às tais republiquetas ingovernáveis por escravizadas aos seus caudilhos de ocasião (27/02/1913, p. 3).

Na percepção dos produtores do jornal paulista, o México padecia do caudilhismo, mal crônico latino-americano, o que fazia da Revolução Mexicana uma lição para o Brasil e sua oligarquia disfarçadamente constitucional, cujo caráter autoritário se intensificava sob o governo hermista e suas intervenções militares nos estados, eufemisticamente denominadas de "salvações" da democracia.

Dessa forma, embora a Revolução Mexicana tenha recebido abordagens bastante distintas nos grandes jornais brasileiros, podemos identificar como ponto comum a ideia de que o contexto mexicano se assemelhava ao brasileiro. A partir dessa percepção foi possível transformar a situação do país revolucionário numa espécie de "espelho" – metáfora utilizada por Veríssimo – através do qual se poderia/deveria mirar a situação nacional. Dessa perspectiva resultou a noção do México como uma "lição" para o Brasil (DIAS, 2009).

Além de ter sido apropriada no debate sobre a situação brasileira, a Revolução Mexicana também impactou fortemente as discussões sobre as relações continentais, principalmente o debate sobre a questão do imperialismo estadunidense.

Entre finais de 1913 e inícios de 1914, a Casa Branca exerceu forte pressão diplomática para a renúncia do ditador mexicano Victoriano Huerta, que havia ascendido ao poder com o assassinato do presidente Madero. A crise diplomática entre os dois países envolveu um ultimado do presidente estadunidense Woodrow Wilson ao ditador mexicano e culminou na intervenção militar dos Estados Unidos no México revolucionário, em 1914. Em meio a essa situação, Brasil, Argentina e Chile propuseram uma mediação para o conflito, através de um bloco diplomático denominado de ABC.[2] Os grandes jornais brasileiros se posicionaram amplamente em relação ao conflito entre os países do norte e a atuação diplomática brasileira.

A partir da intervenção estadunidense, os jornais tenderam a se solidarizar com o país revolucionário. O "México invadido" passou a representar todos os latino-americanos – identificados como vítimas dos apetites imperialistas da potência continental – e recebeu abordagens bastante positivas, mesmo por parte dos jornais que veiculavam predominantemente uma visão barbarizante dos revolucionários mexicanos.

O *Minas Gerais,* por exemplo, chegou a defender a necessidade de uma intervenção internacional no México, por causa do prolongamento da guerra civil no país. Entretanto, quando o território mexicano foi invadido pelo vizinho do norte, o diário oficial mineiro qualificou a nação revolucionária de "país vigoroso e cheio de glórias" e condenou "a intromissão intempestiva da América do Norte nos [seus] negócios [...]". A partir desse posicionamento, apoiou a atuação do ABC e desenvolveu uma ampla propaganda em torno da mediação, que considerou como uma boa oportunidade de demonstrar ao mundo a "civilização" alcançada pelo Brasil e mais amplamente pelas "potências sul-americanas". Em sua posição de órgão oficial, destacou os pronunciamentos

[2] No México, a atuação ABC foi percebida de forma extremamente negativa, sobretudo pela facção constitucionalista, então a principal força revolucionária no país. Para seu líder, Venustiano Carranza, a mediação tinha um caráter intervencionista nos assuntos internos mexicanos, principalmente porque os mediadores insistiam na necessidade de um cessar-fogo quando as forças revolucionárias estavam em situação cada vez mais privilegiada ante as tropas da ditadura neoporfirista, encabeçada por Victoriano Huerta. A posição brasileira foi ainda mais criticada pelos constitucionalistas por causa da atuação do ministro plenipotenciário brasileiro no México, Cardoso de Oliveira, que nutria grandes simpatias por Huerta e que se tornou o encarregado de negócios dos Estados Unidos no país revolucionário, após o rompimento das relações diplomáticas entre os dois países do norte (PALACIOS, 2008: 159-62).

oficiais e também conferiu amplo destaque aos elogios dos diários europeus à mediação. Ressaltou, por exemplo, que o francês *Éclair* qualificou o ABC de "entente que deslocou o eixo diplomático, não só da América, mas de todo o mundo" (23/04/1914, 08/05/1914 e 28/05/1914, respectivamente p. 6, 5 e 5).

O jornal paulista se posicionou contrariamente à invasão estadunidense e também em relação à atuação do bloco diplomático sul-americano. O ultimato de Wilson a Huerta foi amplamente criticado por meio de vários artigos, assinados por seus principais colaboradores e todos caracterizados pela ironia. Assim, Oliveira Lima declarou, ridicularizando os supostos "princípios morais" da diplomacia wilsoniana, que exigia a renúncia do ditador mexicano por ter mandado assassinar o presidente eleito: "a América Latina desconfia das lições de moral do presidente Wilson não menos do que das arremetidas sociológicas do presidente Roosevelt. O México está tomando aspecto de vítima e Huerta – quem diria? – de cordeiro perseguido pelo lobo *yankee*" (18/12/1913, p. 5)

Outro colaborador do jornal paulista, Sílvio de Almeida, num tom ainda mais irônico, protestou contra a atitude estadunidense para com o México sob a forma de uma carta ao "Mr. Uncle Sam", que dizia: "meu caro amigo Sam, em vez de nos mandar para cá, para nosso uso interno, a sua moral em pastilhas açucaradas de retórica, você a deve empregar [...] no curativo das passadas e futuras contusões do México" e terminava da seguinte forma: "espero uma resposta urgente à minha amistosa intervenção particular, folgando, por mim e pelo Brasil, se você, à maneira dos índios, quiser quebrar conosco a flecha da paz." (10/11/1913, p. 3)

A oposição d'OESP à atitude estadunidense em relação ao México se baseou numa crítica moral, já que era o argumento supostamente utilizado pelo presidente Wilson para intervir no país revolucionário. Em seu posicionamento tipicamente liberal, os produtores d'OESP opunham-se veementemente a qualquer violação das soberanias nacionais, o que consideravam ser o caso da atuação do ABC. Além disso, criticavam duramente a vinculação do Brasil aos Estados Unidos e interpretaram a mediação como uma manipulação estadunidense. O diário praticamente não se referiu às conferências mediadoras e logo deslocou seu olhar para os acontecimentos europeus, já às vésperas da Guerra.

O último artigo sobre o México no período foi, uma vez mais, assinado por Oliveira Lima, que afirmou sobre a participação do Brasil na mediação: "falece a um país num estado de desordem que requer um estado de sítio de seis meses, bastante autoridade moral para tentar serenar conflitos políticos e guerras civis no estrangeiro". Referia-se à situação do Ceará, onde a disputa entre as oligarquias se intensificava desde a intervenção do governo federal no estado. E o autor continuou sua crítica da seguinte forma: "a verificar-se o 'controle' em que falam os Estados Unidos para a eleição presidencial [no México] [...] será lícito perguntar quando por sua vez terá o México qualidade para fiscalizar as nossas pseudo-eleições? A nossa eleição presidencial de 1910 teria tido um outro desfecho" (09/06/1914, p. 3). Novamente, nas páginas d'OESP os comentários da situação mexicana serviam para criticar a política brasileira

e particularmente a eleição e o governo do marechal Hermes.

Já a *Gazeta de Notícias*, que apoiava firmemente a política pan-americana e a aproximação do Brasil aos Estados Unidos, imediatamente após a invasão do porto de Vera Cruz pelos navios estadunidenses, antes mesmo da proposta de mediação por parte dos países do sul, considerou que a agressão estadunidense era "de algum modo salutar". Segundo o diário carioca, o motivo causador do conflito entre os dois países teria sido o "fogoso patriotismo mexicano", que contrastava com "o patriotismo racional da América no norte", e gerava um "longo preparo da hostilidade latente nas fronteiras." Quando já se vislumbrava a proposta mediadora para o conflito, os editores da *Gazeta* afirmaram, de forma despretensiosa: "resta agora saber [...] se, por meio dos bons ofícios de alguma potência estrangeira, chegará a um acordo para a solução amistosa aos seus erros de [Huerta] político arrivista." (25/04/1914 e 28/04/1914, ambos 1ª pág.)

Assim, nas páginas da *Gazeta*, os leitores foram informados de que os "erros" mexicanos decorriam do temperamento passional de seus caudilhos, o que justificaria a intervenção de uma nação "racional", capaz de resolver a situação interna do país em guerra. Juntamente com a atitude estadunidense, a atuação do ABC foi exaltada nas páginas do jornal carioca como "uma grande vitória americana – a da razão pela atitude moral do continente contra os ímpetos patrióticos". Dessa forma, podia-se concluir que as "potências do sul", movidas pelos mesmos atributos "morais" e "racionais" que os Estados Unidos, colaboravam com a potência do norte na tarefa de civilização do continente. (28/04/1914, 1ª pág.)

Uma posição bastante ambígua sobre o conflito entre os Estados Unidos e o México revolucionário foi expressa por José Veríssimo, veiculada nas páginas d'*O Imparcial*. O articulista inicialmente considerou o ultimato de Wilson a Huerta como "um grande atentado internacional" e destacou: são "os interesses econômicos e financeiros, importantíssimos [dos EUA] no México que os levam a ali intervir, [...] tal é o móvel de sua política" (06/11/1913, p. 2). Entretanto, meses depois, quando os Estados Unidos de fato invadiram o México, Veríssimo, chegou a defender a intervenção, afirmando que "o bem-estar dos povos" deveria estar "acima das ficções internacionais e do respeito supersticioso das soberanias nacionais". (25/04/1914, p. 2)

Essas declarações de Veríssimo chamam a atenção não apenas por ele ter criticado inicialmente a atitude intervencionista dos Estados Unidos, mas principalmente porque vinha apoiando a Revolução Mexicana, inclusive em seu aspecto de luta social. Mas, a essa altura, os exércitos populares estavam em franca ascensão no México e realizavam de maneira autônoma a reforma agrária e outras mudanças buscadas desde o início do movimento revolucionário. Nesse contexto, o intelectual brasileiro somente conseguiu identificar na situação mexicana a violência e o caos político. Em sua visão, o país revolucionário se transformava "numa espécie de fazenda disputada por vários bandoleiros". Dos "vários", descreveu apenas Pancho Villa, da seguinte maneira: "Villa é, no rigor da palavra, um bandido, que ainda há pouco capitaneava uma quadrilha de salteadores." (06/06/1914, p. 2)

A mudança de posição de Veríssimo em relação à Revolução Mexicana revela

claramente os limites do posicionamento reformista defendido por uma parcela das elites intelectuais brasileiras. Veríssimo chegou a defender a reforma agrária no México, mas em momento algum considerou que as classes populares por si próprias deveriam conquistar a mudança social. Esse aspecto da Revolução Mexicana o assustou e o fez mudar completamente de opinião, quando passou a desqualificar o processo revolucionário como obra de simples "bandidos" e a defender a intervenção militar estadunidense no México revolucionário.

Exatamente no momento em que os exércitos camponeses conheciam o seu apogeu no México, todos os diários estudados passaram a negligenciar a situação interna mexicana. Centraram-se nos aspectos externos, enfocando o conflito do país revolucionário com os Estados Unidos, como foi o caso da *Gazeta de Notícias*, ou praticamente abandonaram o tema, caso d'OESP e do *Minas Gerais*.

A deflagração da Primeira Guerra também ocorreu nesse período e foi, sem dúvida, um fator fundamental para ofuscar a discussão sobre o México. Ainda assim, não deixa de ser relevante o fato de os jornais se afastarem do tema da Revolução Mexicana precisamente no momento em que os exércitos camponeses conheciam seu apogeu no México.

Pensamos que o afastamento do tema do México revolucionário se constituiu numa opção dos editores dos jornais brasileiros e configurou-se com uma estratégia distinta frente à mesma percepção manifestada por Veríssimo nas páginas d'*O Imparcial*, a de que a Revolução Mexicana representava mais do que um reformismo social realizado pelos "de cima". A partir dessa constatação, mirar o Brasil através do "espelho do México" extrapolava os limites dos interesses dos grandes diários, órgãos de expressão de setores das elites.

Referências

BARBIER, Frédéric & LAVENIR, Catherine Bertho. **Historia de los medios: de Diderot a Internet.** Buenos Aires, Colihue, 2007.

DIAS, Natally Vieira. **O México como "lição": a Revolução Mexicana nos grandes jornais brasileiros e argentinos (1910-1915)**. Belo Horizonte: Departamento de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, 2009. (Dissertação de Mestrado), 175 p.

HERMANN, Jacqueline. Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MARINO, Daniela. Dos miradas a los sectores populares: fotografiando el ritual y la política em México, 1870-1919. In: **Historia Mexicana**, v. XLVIII, n. 2, 1998, p. 236. Disponível em <http://historiamexicana.mx/pdf/131art_13_1872_16020.pdf . Acesso em 12/2009.

REYES MATTA, Fernando. A evolução histórica das agências transnacionais de notícias no sentido da dominação. In: **A informação na nova ordem internacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 55-72.

SOUSA, Fábio da Silva. **OPERÁRIOS E CAMPONESES. A repercussão da Revolução Mexicana na imprensa operária brasileira (1910 – 1920).** Assis: Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2010, (Dissertação de mestrado), 185p.

SOUZA, Maria do Carmo C. O Processo Político Partidário na Primeira República. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Brasil em Perspectiva.** Rio de Janeiro: DIFEL, 14ª edição, 1984. p. 162-226.

VISCARDI, Cláudia Maria R. **O teatro das oligarquias, uma revisão da "política do café com leite"**. Belo Horizonte: Com Arte, 2001.